

EXPERIÊNCIA DE SERVIÇOS INFORMACIONAIS PARA COMUNIDADES ECONOMICAMENTE DESFAVORECIDAS NA CIDADE DE JOÃO PESSOA - PB

Rachel Joffily Abath*
Lívia Marques Carvalho**
Rosilda de Sá**
Adolfo Júlio de Freitas*
Elisa Maria Cabral***

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta da experiência de implantação de um centro de informação em um bairro periférico da cidade de João Pessoa.

O Brasil é conhecido pela grande concentração de renda e pelos contrastes sociais. De acordo com o relatório sobre Desenvolvimento Humano, de 1995, realizado pela ONU, o país ocupa o 58º lugar no ranking mundial de Índice de Desenvolvimento Humano. Esta desigualdade na distribuição de renda reflete-se na educação, que a ONU considera como fator de crescimento, "nenhum país consegue uma transformação estrutural de economia sem elevar os níveis de educação básica". Nessas circunstâncias a biblioteca pública tem um importante papel a desempenhar, através da participação ativa nos programas de desenvolvimento da comunidade. O Manifesto de Biblioteca Pública da UNESCO, 1995, reforça esta postura da biblioteca pública e proclama que a mesma "é o centro local de informação, disponibilizando prontamente para o usuário todo o tipo de conhecimento, os serviços oferecidos baseiam-se na igualdade de acesso para todos."

Entretanto, a função da biblioteca pública vem sendo questionada no país. De modo geral é elitista e inacessível à periferia urbana, tanto em relação à localização, uma vez que quase sempre está situada no centro das cidades, quanto em relação aos serviços. Duckworth (1991, p. 212) afirma que

geralmente os serviços oferecidos são realizados sem nenhuma consulta à comunidade a qual estão vinculadas. Esses serviços são de certa forma impostos pela biblioteca no momento que julgam que os serviços que oferecem, é o que responde à necessidade de informação da comunidade. Com esta atitude os serviços prestados ficam distantes da realidade.

* Departamento de Biblioteconomia / UFPB

** Departamento de Artes / UFPB

*** Departamento de Ciências Sociais / UFPB

A exclusão de indivíduos das fontes de informação para Harris (1992) pode acontecer de várias formas e as barreiras compreendem uma combinação de fatores tais como: saúde, localização geográfica ou educação. O acesso à informação pode ser amplo ou restrito, permitido ou negado, implicando ação por parte de quem procura o acesso ou por parte de quem o fornece. Paralelamente a esta postura de passividade da biblioteca pública brasileira e a lacuna deixada pela mesma na sociedade, os bibliotecários começaram a partir dos anos 70, a rever, discutir e assumir mais ostensivamente sua responsabilidade social. Uma das formas de atender as necessidades de informação de uma comunidade é através de centros de informação, que Usherwood (1992) conceitua como aqueles "que auxiliam indivíduos e grupos na solução de problemas diários e na participação do processo democrático. Os serviços concentram-se nas necessidades daqueles que não têm rápido acesso a outras fontes de assistência, e nos mais importantes problemas que os mesmos enfrentam como os relacionados com moradia, emprego e direitos." Uma alternativa são os centros populares de documentação e informação que caracterizam a desinstitucionalização da informação, através de informação acessível, tomada de decisão participativa, democratização e compromisso com o desenvolvimento da comunidade.

Assim, em 1988 foi criado o CIPRO - Centro Popular de Documentação e Informação Utilitária do Baixo Roger - João Pessoa. Com o objetivo de: 1 - atender as necessidades de informação da comunidade. 2 - desenvolver atividades com crianças e adolescentes visando contribuir para o desenvolvimento das suas potencialidades. 3 - desenvolver atividades com adultos objetivando a mudanças sociais. 4 - oferecer treinamento a estudantes de biblioteconomia e áreas correlatas.

Desde sua implantação, a realização de trabalhos no centro tem sido contínua. Projetos de pesquisa e extensão têm sido desenvolvidos e muitos resultados publicados, tais como: "Tentativa de ação cultural como prática discente"; "Como os moradores vêm um centro popular de documentação e informação utilitária"; "Expectativa e uso de informação na área de saúde: estudo na comunidade do Baixo Roger"; "*A role for information against the odds: an account of projects in North Eastern Brazil*"; "História do Baixo Roger"; (este último, de autoria de um grupo de moradores deste bairro). Atualmente o CIPRO está instalado na casa do Pequeno Daví, uma instituição ligada à Pastoral do Menor, da Igreja Católica, com a qual, desenvolve atividades conjuntas.

O Baixo Roger se caracteriza, sobretudo, por ser um dos bairros de maior tradição na área de cultura e folclore de João Pessoa e por ser o local onde é depositado todo o lixo da cidade. No Baixo Roger são conhecidos os grupos de danças folclóricas como as Quadrilhas Juninas e Pastoril. Existem também vários grupos comunitários como: Associação de Moradores, Clube de Mães, Juventude Organizada do Roger, entre outros. A principal atividade econômica do bairro é a exploração do lixo que ali é depositado há 30 anos aproximadamente. O lixo é explorado por adultos e crianças a partir de 2 anos de idade, em turnos de trabalho diurno e noturno. A população do Baixo Roger é de aproximadamente 18 mil habitantes.

Em 1995 foi realizada uma pesquisa com o objetivo de identificar as características da população e suas necessidades de informação. Segundo Vergueiro, apud Duckworth (1991, p. 214)

para se ter um diagnóstico suficientemente preciso da comunidade será necessário identificar e levantar dados históricos, geográficos, educativos, sócio-econômicos, de necessidade, uma vez definidos através de análise aprofundada de todos os dados coletados, irão gerar não apenas as etapas do desenvolvimento da coleção, mas também todo serviço bibliotecário [...] o

balcão de informação ao cidadão e os trabalhos de atividades ligadas à ação cultural.

O universo da pesquisa consistiu de 10 ruas localizadas nas redondezas do CIPRO. A prioridade é justificada por ser a área onde os níveis sócio econômico e educacional são os mais baixos, abrangendo aqueles que dependem economicamente do lixo para sobreviver. Estas ruas possuem um total de 366 casas e uma população de 1759 habitantes. A amostra consistiu de 103 casas e 564 habitantes. As casas sorteadas foram visitadas pela equipe de pesquisadores e os dados foram coletados através de questionários e entrevistas.

Cada casa tem em média 5 moradores, nas quais, 1,8 são crianças entre 0 a 12 anos de idade e 0,5 adolescentes. A maioria tem renda familiar de até 1 salário mínimo (R\$ 120,00) e a média de analfabeto por casa é de 1,9.

Os gráficos abaixo exibem os resultados obtidos

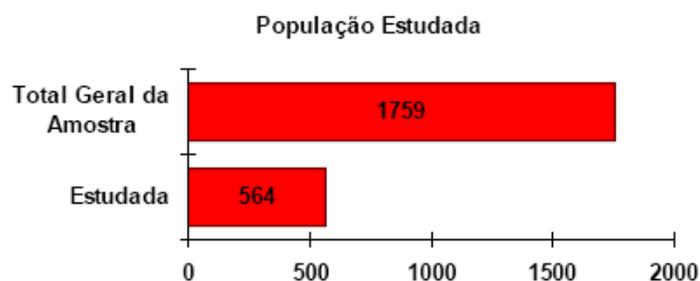


Figura 1

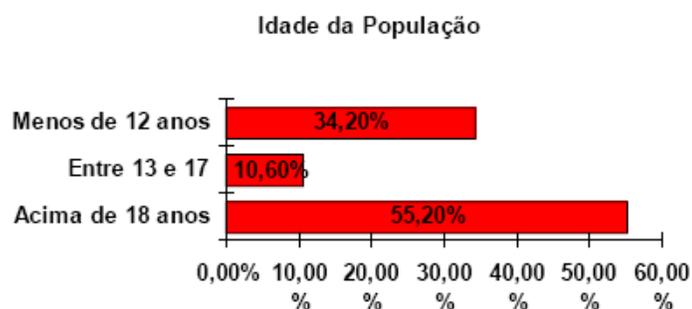


Figura 2

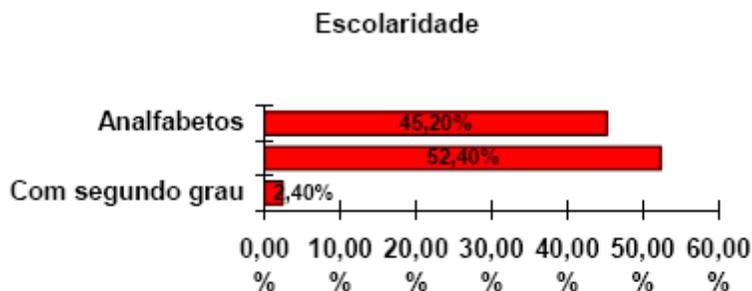


Figura 3

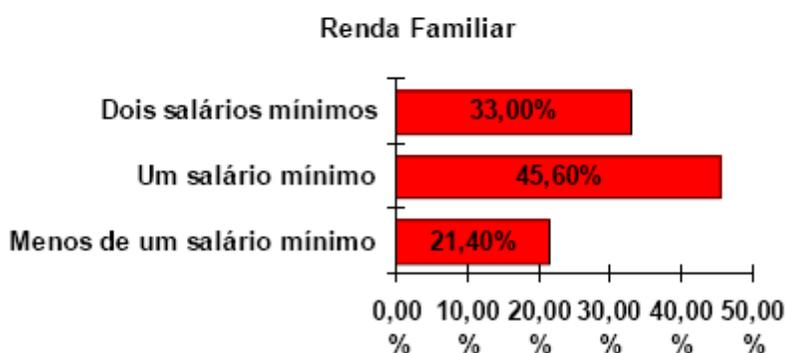


Figura 4

Quanto às informações que poderiam ser oferecidas pelo CIPRO, para contribuir para o desenvolvimento da comunidade, destacam-se as seguintes:

a) cursos de alfabetização, solicitado por 39 pessoas, uma média de 0,4 por casa.

Depoimento: "Tenho vontade de estudar, mas não me acostumo, tenho vontade de trabalhar, mas trabalhar é difícil", Beto, 15 anos.

b) curso de corte e costura, foi solicitado por 53 mulheres entre adultos e adolescentes, o que representa uma média de 0,5 por casa.

Depoimento de um membro da comunidade sobre esse interesse: "Eu trabalho de lavagem de roupa e tenho ajuda de meu sogro. Tenho a maior vontade de fazer um curso de corte e costura. Tive que trabalhar cedo para ajudar Mãe. Não tive tempo de estudar."

c) curso de manicure e cabeleireiro, foi solicitado por 30 mulheres entre adultas e adolescentes, uma média de 0,3 por casa visitada.

d) curso de culinária, solicitado por 20 mulheres adultas e adolescentes

e) curso de marcenaria, é de interesse de 15 adolescentes. Este curso já vem sendo oferecido sistematicamente.

f) atividade de educação artística, que abrange: pintura de tecidos, manufatura artesanal de papel e pintura para crianças, foi solicitado em 23 casas visitadas.

Depoimento: "Tenho um filho menor que trabalha no lixão, tenho tanta vontade que ele saia..., não quero que ele trabalhe à noite, é muito arriscado por causa dos tratores, quero que ele faça qualquer atividade que dê futuro e saia do lixão, a maioria das crianças trabalha dentro do lixão." Moradora da favela do S.

Uma vez detectado um grande interesse por atividades artísticas, convidamos professores do Departamento de Artes da UFPB, para a implantação de uma Oficina de Arte, onde a manufatura artesanal de papel vem sendo desenvolvida de forma sistemática há 3 anos. A Oficina de Arte tem sido, também, um campo de treinamento para estudantes do Curso de Educação Artística.

Pelo sucesso obtido, e por ser um projeto desenvolvido por professores desta Universidade, a experiência da Oficina de Arte foi incluída neste trabalho.

2 OFICINA DE ARTE

Considerando que a venda de materiais recicláveis coletados no lixo é a principal atividade econômica do bairro, e que o trabalho das crianças desta comunidade se constitui numa importante ajuda para o orçamento familiar, elaboramos um projeto que utilizasse materiais, com os quais, as crianças estivessem familiarizadas, de fácil aquisição, e, ao mesmo tempo, permitisse o desenvolvimento da sensibilidade através do fazer artístico, possibilitando ainda, um reforço ao orçamento familiar.

Assim, a proposta da fabricação de papel artesanal a partir da reciclagem de jornais velhos, surgiu como uma alternativa para atender tais objetivos.

A fabricação artesanal de papel tem sido praticada no mundo inteiro, como um meio econômico alternativo para pequenas comunidades. Não apenas porque o papel é um excelente suporte para o desenho, a pintura e a impressão gráfica, além de outras aplicações, como também porque, o papel, vem, cada vez mais, deixando de ser apenas suporte e consolidando-se como um linguagem artística, tornando-se ele próprio, a expressão.

Após acertos necessários à implantação do projeto, demos início à transferência do ensino de técnicas necessárias para a feitura do papel e a orientação quanto aos meios e as possibilidades de utilização de materiais e de técnicas de pintura e colagem que poderiam ser empregados na composição do papel, com perspectiva de transformá-los numa expressão artística.

Visando a comercialização da produção das crianças artesãs, são feitos cartões, com os papéis já transformados em expressão artística. Estes cartões após receberem um carimbo que identifica a produção coletiva da Oficina de Arte, são postos à venda.

A renda obtida com a venda dos cartões é revertida em compras de materiais necessários para a continuação do projeto e o restante é dividido entre as crianças que fazem parte da Oficina de Arte do CIPRO.

O fato do sub-projeto possibilitar a obtenção de renda própria, confere mais dinamismo e reforça a atuação deste Centro de Informação na comunidade, pois, o sub-projeto se auto-financia e ainda proporciona uma ajuda financeira aos participantes. Além do resultado prático,

as atividades artísticas se constituem em um excelente processo educacional. Para Porcher, (1982, p. 30) "não há dúvida de que a prática das atividades artísticas representa um fator altamente favorável para o desenvolvimento de toda a personalidade e, especialmente, dos seus aspectos intelectuais."

O processo do conhecimento para Duarte (1988), articula-se entre aquilo que é vivido (sentido) e o que é simbolizado (pensado), o fazer artístico é um processo onde sentir e simbolizar se articulam e se completam. Neste sentido, as atividades da Oficina de Arte visam, também, possibilitar às crianças um desenvolvimento global da personalidade. Pois a arte como processo educativo, é um veículo ideal, pois trabalha com a sensibilidade, estimula a livre expressão, agiliza a imaginação e desenvolve, ainda, uma consciência em relação ao meio ambiente.

Cerca de 20 crianças que freqüentam o CIPRO estão envolvidas neste sub-projeto, e, com muito entusiasmo, têm produzido uma quantidade apreciável de papel artesanal. Os resultados nos surpreendem pela excelente qualidade estética alcançada, o que tem nos levado a aprofundarmos, cada vez mais, as possibilidades que este meio permite.

Incluimos também entre as proposta da Oficina de Arte, a pesquisa de materiais expressivos, encontrados ou não na própria comunidade. Vários materiais são empregados na composição artística dos papéis como: sementes, raízes, raspas de madeiras, pigmentos etc, e encorajamos as crianças a atingirem uma solução pessoal, dando evidência a investigação e a experimentação das diversas possibilidades que este meio oferece. Com a finalidade de facilitar a circulação de informação entre os membros dessa comunidade, foi feito um vídeo, onde está registrado o saber e o fazer das atividades da Oficina de Arte.

Este vídeo tem sido utilizado, também, como recurso didático por diversas escolas e instituições que desenvolvem trabalhos com comunidades.

Próximo da virada do século, num mundo cada vez mais sofisticado do ponto de vista tecnológico, a sensibilidade contemporânea tem mostrado um interesse crescente pela atividade milenar da manufatura de papel, como se a fragmentação imposta pelo pós-industrial nos remetesse ao caminho inverso, o de valorizar e descobrir o processo da manufatura.

Ao mesmo tempo que incorporamos ao nosso acervo visual, todas as conquistas desenvolvidas no campo tecnológico e artístico, nos fascinamos com a ludicidade do processo da manufatura do papel. A qualidade específica de sua matéria faz com que o papel torne-se um campo aberto a experimentações.

Na fabricação do papel, as crianças participam de todas as etapas, vivenciam a matéria prima nas suas fases de transformação até o produto final. A não fragmentação do trabalho é um fato que repercute no nível emocional e permite um clima de interação com o próprio fazer.

3 CONCLUSÃO

Através do levantamento das necessidades de informação, pode-se verificar que as informações solicitadas foram em sua maioria de ordem prática e, principalmente, que pudessem resultar numa melhoria da qualidade de vida através de treinamento profissional.

Importante ressaltar que apesar dos entrevistados, de modo geral, viverem em estado de extrema pobreza, não solicitaram nenhuma ajuda de natureza assistencialista ou de caridade - ninguém pediu o "peixe" - todos mostraram-se dispostos a "aprender a pescar". O que prova que estão conscientes da proposta de trabalho que está sendo desenvolvida no CIPRO e na Casa do

Pequeno Daví conjuntamente.

Apesar do CIPRO contar com uma biblioteca, esta é pouco consultada pelos membros da comunidade, como acontece, de modo geral, nos Centros Populares: a informação é transmitida, predominantemente, de forma oral.

Os programas de educação através da arte se destacam por ajudarem as crianças e adolescentes a desenvolverem a auto estima e a integrarem o seu "eu-no-mundo", além de despertar para o valor que a arte tem em si mesma.

Em um levantamento anterior que buscou ver o significado do CIPRO dentro da realidade do Baixo Roger, ficou a convicção de que é preciso continuar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, João Francisco. **Por que arte educação**. São Paulo: Papyrus, 1981.

DUCKWORTH, Ana Maria et al. Biblioteca pública e comunidades; prestação de serviço de utilidade pública. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. **Anais...** Salvador, APBEB, 1991.

HARRIS, Kevin. *A role for information against the odds: an account of projects in North Eastern Brazil*. Assignment. London, ASLIB. v. 9, n 1, 1991, p.23.

_____. Freedom as access to information. In: INFORMING COMMUNITIES. London: Community Services Group of Library Association, 1992, pp.41-59.

SILVEIRA, Dirce Gomes et al. **História do Baixo Roger**. João Pessoa: UFPB, 1988.

POLKE, Ana Maria et al. Como os moradores vêm um centro popular de documentação e informação utilitário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. **Anais...** Salvador, APBEB, 1991.

PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

TOLEDO, Walquiria, et al. Expectativa e uso da informação na área da saúde: estudo na comunidade do Baixo Roger. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. **Anais...** Salvador, 1991, pp. 1125-1137.

USHERWOOD, B. *Community information In: Informing communities*. London: Community Services Group of Library Association 1992. Pp. 17-39.